

Consumo Sustentável através das Lentes das Práticas: Proposta de Framework sobre Domínios de Práticas de Consumo Suscetíveis a Intervenções para Sustentabilidade

AURIO LUCIO LEOCADIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

ÉRICA MARIA CALÍOPE SOBREIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

ALINE RIBEIRO GOMES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

JOSÉ CARLOS LÁZARO DA SILVA FILHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

Consumo Sustentável através das Lentes das Práticas: Proposta de Framework sobre Domínios de Práticas de Consumo Suscetíveis a Intervenções para Sustentabilidade

1. Introdução

Os padrões de consumo no mundo são reconhecidamente insustentáveis há décadas (Giulio et al., 2014). Estes ocorrem em diferentes amplitudes (i.e. do regional ao internacional), associados à diferentes categorias de consumo (e.g. alimentação, energia), produzindo impactos ambientais (e.g. poluição, lixo) e sociais (Sahakian & Wilhite, 2014). Nesse sentido, um consumo e produção sustentáveis (*Sustainable Consumption and Production - SCP*) são fundamentais para o efetivo alcance do desenvolvimento sustentável (WANG et al., 2019), além de poderem gerar benefícios econômicos, inclusão e bem-estar social, e redução de riscos ambientais (UNEP, 2015). Assim, padrões de consumo e produção mais sustentáveis foram "reconhecidos pela Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio + 20 e o Painel de Alto Nível (HLP) de *Experts* sobre a agenda de desenvolvimento pós-2015" (UNEP, 2015, p. 1), tornando-se cada vez mais discutidos nesse âmbito. O Consumo e a Produção Sustentável fazem parte da Agenda 2030 sendo o Objetivo 12 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (UNEP, 2015 UNDP, 2016), visando "uma produção mais eficiente e lucrativa usando menos matérias-primas, bem como agregando valor a um produto enquanto cria menos poluição e desperdício no processo" (Govindan, 2018, pp. 2-3).

Este problema da insustentabilidade do consumo, no entanto, vem sendo abordado por duas lentes teóricas tidas como antagônicas, ou a estrutura (e as instituições), ou os atores (e seu comportamento racional) são estudados excluindo a outra em sua visão. Adicionalmente, essas lentes são transpostas para a definição de políticas ou da governança local, nacional ou global na busca pela sustentabilidade. Autores como Gerd Spaargaren, Elisabeth Shove e Dale Southerton (Spaargaren, 2011), começaram a perceber que tais abordagens têm apresentado lacunas de efetividade para a diminuição do consumo insustentável, visto suas limitações quanto governança e as aplicações de políticas baseadas nessas. Esses autores argumentam (desde 2003) que as abordagens dos Estudos Baseados na Prática (EPB), também conhecidos como Teoria das Práticas (TdP), desenvolvidas na sociologia desde os anos 1970s e 1980s, e cujo foco de análise recai sobre as Práticas Sociais, são adequados para fornecer uma abordagem nova e equilibrada para a discussão sobre consumo sustentável (Spaargaren, 2003; Shove, 2003, 2006; Southerton et al., 2004, Spaargaren 2011).

Visto a lacuna sobre esta discussão no campo do consumo sustentável no Brasil, este artigo propõe não apenas uma revisão sistemática ou bibliográfica, mas discutir a gama de possibilidades de estudo do consumo sustentável e suas possíveis políticas e "intervenções" na busca de uma maior efetividade nestas.

Este artigo, na forma de um ensaio teórico revisando a literatura internacional e nacional, e propondo um quadro de pesquisas futuras, está dividido em 5 seções, esta introdutória, uma segunda revisando os Estudos Baseados nas Práticas. A terceira seção introduz revisa as Teoria das Práticas na área do consumo. Na quarta seção chega-se ao objetivo do ensaio, apresentar um Framework para definir uma agenda de possibilidade para aplicação das lentes da Práticas em domínios do consumo, visando visualizar intervenções mais efetivas para a busca da sustentabilidade. Na quinta seção apresentamos as considerações finais, antes das referências.

2. "The Practice Turn": Estudos Baseados nas Práticas (EBP) ou Teoria das Práticas (TdP)

Os Estudos Baseados na Prática podem ser considerados um campo emergente com sua criação por volta dos anos de 1970 e 1980, com trabalhos de Charles Taylor e Pierre Bourdieu, embora tenham se tornados mais amplamente conhecidos desde o movimento chamado

Practice Turn dos anos 2000, visto o livro editado por Theodore Schatzki, Karina Knorr Cetina e Eike von Savigny “*The Practice Turn in Contemporary Theory*”, um marco para a inserção da TdP como algo factível e alternativo à análise cultural (Schatzki, Cetina & Savigny, 2001; Schatzki, 2001, 2002; Shove, 2003; Southerton, Chappells & Van Vliet, 2004). Schatzki (1996, 2002) apresentou uma ontologia social estendida na qual as práticas são o locus do social. Estes trabalhos tiveram forte impacto nos estudos de consumo, em parte por terem sido defendidos por Andreas Reckwitz. Reckwitz (2002a, 2002b) localizou a teoria da práticas em relação às escolas dominantes de análise cultural, que enfatizavam os aspectos simbólicos da vida social.

Conforme Shove, Panzar e Watson (2012) resgatam, o foco nas práticas sociais remonta à discussão trazida por Theodore Schatzki do filósofo Wittgenstein sobre localização da inteligibilidade e compreensão humana não estar na mente, mas no fluxo da *práxis*. Schatzki também resgata a proposta de Heidegger que a *práxis*, assim como a linguagem, são as fontes do significado. Estas duas perspectivas são fundamentais para entendermos a ontologia da abordagem das Práticas Sociais. Na década de 1971, Charles Taylor resgata as Práticas Sociais como fonte do significado, não a mente dos atores para contrapor a tendência behaviorista da Sociologia até então (Shove, Panzar & Watson, 2012). Ainda na Sociologia, a abordagem das práticas ganha impulso com obras de Pierre Bourdieu (“O Esboço de Uma Teoria das Práticas”, 1972, e “O Senso Prático”, 1980, e “Razões Práticas”, 1994). Embora o tema central do autor tenha ficado no estudo do Hábito, este conceito incorpora da prática consciente e as normas e regras de uso e o hábito e a recursividade da prática. Outro sociólogo que contribui para os EBP é Anthony Giddens, que ao propor sua teoria da Estruturação, onde os atores e a estrutura atuam complementarmente para desenvolver a ação social, as práticas sociais assumem papel central entre esses. A proposta de Bruno Latour sobre o papel do artefato (na Teoria-Ator-Rede, um ator como outros) na ação social, na performance da prática, também reforça o foco na prática. Cohen, Brown e Vergragt (2013) resgatam ainda questões trazidas por filósofos Michel Foucault (1978) e Judie Butler (1990) para expor a pluralidade de aspectos e questões dentro do Estudos Baseados nas Práticas.

Nicolini (2012) também oferece a revisão das origens do conceito da Teoria das Práticas, com atenção principalmente às variantes contemporâneas, identificando seis abordagens de teorização: a) uma abordagem praxeológica, que ele associa com Pierre Bourdieu e Anthony Giddens; b) a tradição das "comunidades de prática" associada a Etienne Wenger; c) teoria da atividade histórica cultural (CHAT), derivada do marxismo e Lev Vygotsky; d) etnometodologia, que procura dar conta da realização prática da vida cotidiana; e) a teoria ontológica do filósofo Theodore Schatzki, que se baseia em Heidegger e Wittgenstein; f) e teorias do discurso derivadas do trabalho de Michel Foucault.

Das seis abordagens de Nicolini, destacam-se mais as de Bourdieu e Giddens, que trabalharam com teorias pós-marxistas, principalmente sociológicas, da *práxis* ou da praxeologia social. A Distinção de Bourdieu (1984), seu principal estudo relevante para o consumo, foi formulada em termos de uma teoria das práticas, mas a análise empírica usou conceitos de *habitus* e capitais para entender o gosto e a distribuição do capital cultural (Warde, 2016). Giddens (1984) colocou a prática como eixo central na teoria de estruturação, servindo de base para trabalhos posteriores que discutiam estilos de vida (1991).

2.1. Práticas Sociais na ontologia dos Estudos Baseados nas Práticas

Nos EBP considera-se as práticas sociais como unidades de análise dos mais variados fenômenos (Nicolini, 2012), **não indivíduos ou seu comportamento e escolhas** (Maller, 2015). Isto é tira-se o foco das cognições do indivíduo, sem subestimar a sua racionalidade (Keller, Halkier & Wilska, 2016). Busca, nesse sentido, compreender as complexidades da dinâmica social e as condições sob as quais as atividades “rotineiras” são socialmente realizadas (Kuijer, 2014).

Práticas são atividades humanas organizadas. Alguns exemplos na visão de Schatzki (2005, p. 471) são “práticas políticas, práticas de culinária, práticas educacionais, práticas de gestão, práticas de chão de fábrica e práticas de *design*. Qualquer prática é uma variedade espacial-temporal organizada e aberta de ações”.

A prática é uma “forma rotinizada pela qual os corpos são movidos, os objetos são manipulados, os sujeitos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é entendido” (Reckwitz, 2002, p. 250). É social, como um padrão que “[...] pode ser preenchido por uma multiplicidade de ações, e muitas vezes únicas, que reproduzem a prática, como obter uma carteira de motorista ou usar um aplicativo de compartilhamento de carros para a prática do compartilhamento de carros” (Süßbauer & Schäfer, 2018, p. 329).

Em alguns campos, as TdP propagaram principalmente depois dos anos 2000, por meio de artigos de Andreas Reckwitz (2002), os quais levantaram críticas às teorias culturais vigentes, uma vez que elas ignoravam aspectos materiais do cotidiano, dando ênfase exclusivamente em significados.

Nicolini (2016) apresenta algumas características das práticas, a saber: a) são relacionadas, portanto, elas não existem de modo isolado (e.g. a prática de comer o café da manhã está relacionada com práticas de compras, práticas de trabalho, etc); b) são recursivas, uma vez que moldam e são moldadas pelo “social” (e.g. uma viagem de compras molda as práticas referentes à alimentação e, ao mesmo tempo, pode ser moldada por outras práticas, a exemplo de compromissos sociais); c) cada desempenho de uma prática é considerado uma ocorrência diferente, ou seja, os elementos constituintes dos desempenhos anteriores podem ou não estar envolvidos no desempenho atual.

Uma prática é mutável. As “práticas sociais podem ser entendidas em função de espaço específico, um período delimitado um contexto histórico concreto” (Nicolini, 2009, p. 1394). Dessa forma, pode ser praticada de diferentes formas, pois varia com os tipos de ocasiões, e com espaços físicos e temporais (Torkkeli, Mäkelä & Niva, 2018).

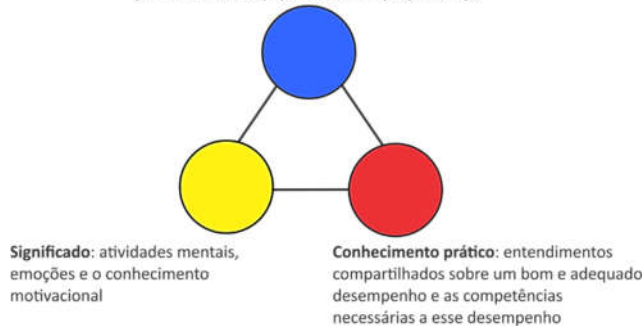
Para uma linha de autores, as práticas sociais são constituídas por diferentes “elementos” (Schatzki, 2002; Reckwitz, 2002; Warde, 2005; Shove & Pantzar, 2005; Shove, Pantzar & Watson, 2012; Torkkeli, Mäkelä & Niva, 2018). Inicialmente, os elementos foram propostos por Schatzki (2002) (i.e. **entendimentos; estruturas teleoafetivas; regras**) e Reckwitz (2002) (i.e. **corpo; mente; conhecimento; agente; estrutura; coisas; discurso e linguagem**).

Já autores que estudam práticas em consumo sustentável e práticas sustentáveis “operacionalizam” sua análise com três elementos, quais sejam, **material, significado e competência/conhecimento prático** (Reckwitz, 2002; Schäfer *et al.*, 2018; Shove, Pantzar & Watson, 2012; Spurling, 2013; Süßbauer & Schäfer, 2018).

Para Shove, Pantzar e Watson (2012), esses três elementos se apresentam de forma interligada, explanados adiante: **a) materiais**, constituídos pelos objetos, pela infraestrutura, pelas ferramentas, pela parte física dos equipamentos e pelo próprio corpo; **b) significado**, que envolve as atividades mentais, as emoções e o conhecimento motivacional; **c) conhecimento prático (“skill”)**, formado pelos entendimentos compartilhados sobre um bom e adequado desempenho e as competências necessárias a esse desempenho. Sendo uma das representações possíveis a da Figura 1.

Figura 1. Três elementos constituintes da prática

Materiais: objetos, infraestrutura, ferramentas,
parte física dos equipamentos e o próprio corpo



Fonte: Adaptado por Süßbauer e Schäfer (2018, p. 330) da obra de Shove,
Pantzar e Watson (2012) e Spurling et al).

Dessa forma, uma prática social é formada pela interligação entre esses três elementos, que necessariamente devem existir e coexistir para que haja a prática. Ademais, essa prática não pode se reduzir a somente um dos elementos (Reckwitz, 2002, como citado em Süßbauer & Schäfer, 2018). A performance das práticas, enfatizam Schäfer *et al.* (2018), depende da co-evolução dos elementos que as compõem. Bitencourt *et al.* (2013, p. 166) entendem que “as práticas são padrões reconhecidos, os quais, ainda que variem grandemente de acordo com o cenário em que são desempenhados, são reconhecíveis e, pela própria execução, se disseminam e se modificam constantemente, recursivamente.”. Essa ideia da possibilidade de mudança das práticas também é compartilhada por Süßbauer e Schäfer (2018).

Salienta-se que a inexistência de um elemento impossibilita mesmo uma proto-prática, isto é, se não houver materialidade (material, infraestrutura), uma prática não pode se desenvolver. O mesmo ocorre na inexistência de um significado (como sustentabilidade), ou de como realizar a prática (como operar algum equipamento ou procedimento complexo para tal prática).

2.2. Questões Ontológicas e Epistemológicas para o uso das TdP

As Práticas Sociais propostas pelos EBP (TdP) não podem ser confundidas com o que usamos comumente chamar de “prática”(práxis), que seria o antônimo de teoria ou de idéia.. As Práticas Sociais se constituem da soma de duas visões sobre o que acontece (Reckwitz, 2002): a) prática como entidade, como rotina, inconsciente; b) prática como performance (o ato de praticar, de realizar, durante um tempo concreto, uma ação que agrega diversos elementos).

Usualmente costuma-se entender que as regras estabelecidas por manuais e controladas por outros, ou racionalmente seguidas, sejam “práticas” ou “boas práticas” ou “práticas sustentáveis”. No entanto, essas “práticas”, normatizadas, racionalizadas, não rotineiras e incorporadas e não compartilhadas socialmente como rotina, não são coerentes as Práticas Sociais dos EBP, pois elas deixam de ser uma entidade independente, onde qualquer “portador” (*carrier*) pode performá-la (Reckwitz, 2002). Em uma perspectiva diferente podemos propor que as práticas são práticas com conhecimento tácito e não explícito, e por isto mesmo são mutáveis com o tempo.

Uma segunda questão ontológica está ligada a composição múltipla de algumas práticas. Práticas Sociais como “tomar banho” podem se constituir de um “feixe”(“bundles) de Práticas, envolvendo desde a parte de produção/compra (de elementos), até a prática em si (banho), e os “descartes” envolvidos. (Warde, 2005)

Por fim, apesar da abertura interpretativa de que práticas são essencialmente “fazer”, mas também “dizer”, como conceitualmente deve ser algo “rotinizado”, compartilhado

socialmente e localizado, metodologicamente deve-se ficar atento a não restringir a pesquisa a falas (“dizeres”) de atores, a observação (participante ou não) é fundamental para a identificação da prática sendo performada, bem como uma clara definição do que deve ser observado (Sedlacko, 2017). Assim, um diário de campo, e um abordagem etnometodológica ou etnográfica é a mais coerente com a ontologia “transitiva” (não plana como da TAR), vide Jonas, Wroblewsky e Littig (2017). Manuais e dados secundários podem definir uma “prática” (no sentido leigo), mas só a performance dentro de um significado coletivo compartilhado pode defini-la como uma “prática social”.

2.3. Campos dos Estudos Baseados nas Práticas no Brasil

A teoria das práticas é adotada em muitas disciplinas científicas sociais e aplicável em qualquer domínio de atividade (Welch & Warde, 2015).

No Brasil, uma corrente de discussão do EBP obteve algum destaque no campo dos Estudos Organizacionais ao discutir a aprendizagem organizacional e comunidades de prática utilizando autores como Nicolini e Gerardi, autores que, por exemplo, não contribuem na discussão sobre práticas amplas, no consumo, ou dia-dia urbano. Assim, podemos concordar com Halkier, Katz-Gerro e Martens (2011) que identificam que não há convergência quanto à “uma teoria da prática”, mas discussões sobre um conjunto de teorias com ideias em comum fundamentadas nas perspectivas teóricas de Bourdieu, Giddens, Latour, Foucault e Butler.

Nessa perspectiva, a produção científica nacional sobre os estudos baseados em prática investiga, sobretudo, aspectos relacionados aos estudos organizacionais, estratégia, aprendizagem, educação, enfermagem, tecnologia, ciência, linguagem, cultura (Bispo, 2015; Nicolini, 2012; Santos & Silveira, 2015), com ênfase nas áreas de aprendizagem e estratégia (Bispo, Soares & Cavalcante, 2014). Estudos recentes analisaram as práticas organizadoras de espaços no campo dos estudos organizacionais (Ipiranga & Lopes, 2016), práticas organizacionais (Santos & Silveira, 2015), práticas de aprendizagem sustentável nas organizações (Ipiranga & Aguiar, 2014), além de reflexões metodológicas sobre pesquisa baseada em práticas em estudos desse campo (Bispo, 2015). Ademais, o estudo de práticas culinárias de restaurantes de um mercado popular (Silva Junior, Lopes & Ipiranga, 2014) e práticas culinárias de uma organização gastronômica (Ipiranga, Lopes & Souza, 2016). Esse panorama evidencia uma maior carência de pesquisas voltadas ao uso da TdP como lente teórica para estudar o consumo no Brasil, em especial, o consumo sustentável, foco de discussão das seções subsequentes.

3. Teorias das Práticas e Consumo

O legado de Bourdieu e Giddens é muito visível na pesquisa sobre consumo. Entretanto, sinais de descontentamento com preponderância de atenção no estudo do consumo à cultura já estavam em evidência. Autores como Campbell (1994) e Falk e Campbell (1997) alertaram para a tendência de tratar o consumo apenas como um processo de comunicação. Na sequência, Gronow e Warde (2001) usaram o termo "consumo comum" para ressaltar as situações de consumo que não transmitiam quase nenhum significado simbólico. Além das contribuições desses pensadores, destacam-se como base dos estudos de consumo a lentas das práticas propostas por Schatzki (1996) e Reckwitz (2002), que buscaram estender o trabalho iniciado por Giddens e Bourdieu. Seus artigos levantaram críticas às teorias culturais vigentes, uma vez que elas ignoravam aspectos materiais do cotidiano, dando ênfase exclusivamente em significados.

Assim, logo no início da virada da Práticas (Practices Turn) as lentes da Teoria das Práticas foram introduzidas o consumo pelo “*Consumption and Theories of Practice*”, de Alan Warde (2005) e por Shove e Pantzar (2005) que deu início aos debates do estudo do consumo nessa abordagem. Posteriormente, o autor foi seguido de outros estudiosos como Pantzar, Ropke, Shove e Southerton (Halkier, Katz-Gerro & Martens, 2011).

O uso da TdP transpõe dualismos dominantes presentes nas abordagens dos estudos de consumo (Brand, 2010). Isso ocorre pois ela aproxima as abordagens individualista (i.e. o sistema social e as estruturas são responsáveis por determinar as atitudes dos indivíduos) e estruturalista (i.e. os indivíduos são o ponto de partida, reduzindo a sociedade à soma desses indivíduos e suas ações), assumindo as práticas como mais importantes do que os indivíduos e as estruturas sociais que os cercam (Hargreaves, 2011). Isto tem proporcionado a oportunidade de conceituar e analisar processos de consumo segundo formas alternativas de entendimento da vida cotidiana por meio de práticas de consumo inseridas em contextos socioculturais (Hargreaves, 2011), uma vez que seu foco recai sobre aspectos cotidianos e coletivos do consumo, em vez do consumidor individual (Gram-Hanssen, 2011). Segundo as TdP, a compreensão acerca do consumo mais ou menos sustentável foca mais em práticas sociais e não apenas nas atitudes, valores e crenças do consumidor individual (Hargreaves, 2011). Essa noção se contrasta com a do comportamento individual, na qual o indivíduo faz escolhas orientadas por suas atitudes, em vez de ações realizadas devido às práticas (Shove, 2010).

Na lógica das TdP o consumo permeia diversas práticas, ocorre dentro e por causa delas (Warde, 2005) e desempenhado por “praticantes” (Reckwitz, 2002). Ela permite, portanto, a realização de estudos empíricos sobre essas performances, sejam enquanto elas acontecem, ou quando elas já aconteceram (Maller, 2015). Ainda possibilita pesquisas sobre consumo sustentável que passem a focar a materialidade, um aspecto ignorado pela Virada Cultural (*Cultural Turn*) (Maller; Strengers, 2013).

Dentro desta perspectiva, autores como Southerton, Chappells e Van Vliet (2004) consideram que as relações entre produção, consumo, consumidores e sistemas de provisão se dão por meio de práticas sociais. Nesta lógica, a “prática social” refere-se a um domínio da vida cotidiana, como “comer” ou “cozinhar” (Spaargaren, 2003), situadas no espaço e tempo, além de realizadas repetidas vezes (Schatzki, 2001). Entende-se, ainda, que as práticas são constituídas e reproduzidas por consumidores e produtores envolvidos em diversas formas de consumo (Shove & Pantzar, 2005). A definição de consumo adotada segundo a lente da TdP:

“Um processo pelo qual os agentes se engajam em apropriação e apreciação, seja para fins utilitários, expressivos ou contemplativos, de bens, serviços, desempenhos, informações ou ambiência, comprados ou não, sobre os quais o agente tem alguma discricionariedade” (Warde, 2005, p. 137).

Warde (2005) sugeriu que o consumo poderia ser mais bem abordado como um momento nas práticas do que como atos de compra. Em particular, observando a diferenciação social entre as formas pelas quais as pessoas envolvidas em práticas, tornou-se possível se reconectar com temas sociológicos de distinção e identidade coletiva. Conforme Warde (2014, p. 286) diz, a teoria das práticas enfatiza diferentes aspectos da ação que não eram valorizados pela análise cultural: a) a rotina e o sequenciamento (Southerton, 2013); b) disposições, consciência prática e corporificação (Wilhite & Wallenborn, 2013); c) materiais implicados no consumo (Shove *et al.*, 2012). A adequação dessas ênfases gerou um debate geral significativo. Na análise do consumo, onde Giddens, Bourdieu e Schatzki tiveram maior impacto na investigação empírica, vários debates estão atualmente vivos.

Ainda para o autor, vale ressaltar que, nesta definição, a “apropriação” (*appropriation*) significa atividades práticas visando fins pessoais ou sociais que implicam no uso de bens e serviços. Já a “apreciação” (*appreciation*) tem relação com processos de significação ao uso e provisão. Assim, o consumo representa uma prática e o indivíduo o seu praticante e “portador” (*carrier*) (Reckwitz, 2002) ou “anfitrião da prática” (*host of a practice*) (Shove, Pantzar & Watson, 2012). Portanto, sob esse enfoque, se relaciona à significados, requer competências e o uso de diferentes recursos materiais, como equipamentos, ferramentas e infraestruturas para a sua realização (Shove *et al.*, 2012).

Pesquisas sobre consumo desenvolvidas à luz da lente teórica das práticas sociais têm sido cada vez mais difundidas em periódicos internacionais como o *Journal of Consumer Culture*, *Ecological Economics*, *Journal of Cleaner Production* (Anantharaman, 2016; Gram-Hanssen, 2011; Hargreaves, 2011; Jaeger-Erben; Rückert-John; Schäfer, 2015; Jørgensen & Jensen, 2012; Leray, Sahakian & Erkman, 2016; Liu, Oosterveer & Spaargaren, 2016; Pandey, Surjan & Kapshe, 2018; Røpke, 2009; Torkkeli, Mäkelä & Niva, 2018). Nesse sentido, a mudança de visão quanto às pesquisas nesse tema se deu dentro do contexto europeu, a partir de análises de impulsionadores e obstáculos nos estudos desenvolvidos até a efetiva ênfase em análises na perspectiva de práticas sociais (Brand, 2010; Piscicelli; Cooper & Fisher, 2015).

Nota-se, no entanto, que a TdP impacta particularmente estudos sobre consumo sustentável, se tornando uma abordagem atrativa para um crescente corpo de pesquisadores do campo (Akenji, 2014; Browne *et al.*, 2013; Shove, Pantzar & Watson, 2012; Welch & Warde, 2015). Esse tema será objeto de discussão da seção seguinte.

Quanto aos elementos das Práticas, outros foram apresentados já se voltando para o campo do consumo. Isso se deu através das contribuições de Warde (2005) (i.e. entendimentos; engajamentos; procedimentos; itens de consumo), Shove e Pantzar (2005) (i.e. competências; produtos, significados), Shove, Pantzar e Watson (2012) (i.e. materiais; competências; significados). Mais recentemente, as contribuições de Torkkeli, Mäkelä e Niva (2018) (i.e. materiais; competências; significados, unindo elementos propostos por Shove, Pantzar e Watson (2012) aos procedimentos, engajamentos e entendimentos advindos de Warde).

3.1. Consumo e Produção Sustentável

O termo consumo sustentável não apresenta um consenso quanto à sua definição, o que constitui um desafio para a literatura sobre o tema (BANBURY; STINEROCK; SUBRAHMANYAN, 2012; Liu, Oosterveer & Spaargaren, 2016; MONT; PLEPYS, 2008). Pode ser considerado um termo integrador de assuntos associados “às necessidades humanas, equidade, qualidade de vida, eficiência de recursos, minimização de resíduos, pensamento sobre o ciclo de vida, saúde e segurança do consumidor” (MONT; PLEPYS, 2008, p. 532).

As abordagens dos estudos sobre consumo sustentável consideram diferentes visões acerca do mesmo: a) a partir de uma perspectiva responsabilidade individual quanto às decisões de consumo, tidas como de natureza racional e comumente empregadas em estudos do comportamento do consumidor; b) ou na qual o consumo se dá segundo aspectos sociais e culturais, típicos de estudos antropológicas e sociológicas (BROWN; VERGRAGT, 2016; SCHAEFER; CRANE, 2005). Cabe resgatar que Deaton (1992), já proponha as seguintes perspectivas teóricas podem ser utilizadas para o entendimento desse tipo de consumo: a) perspectivas econômicas; b) perspectivas sistêmicas e de infraestrutura; c) perspectivas psicológicas sociais. As econômicas envolvem, por exemplo, a tomada de decisões microeconômicas e teorias alternativas determinantes para a análise do comportamento do consumidor segundo fatores culturais, sociais e institucionais. As sistêmicas e de infraestrutura tratam de fatores contextuais influenciadores do comportamento ambiental dos indivíduos, sobretudo em relação à dinâmica dos sistemas tecnológicos e infraestruturas da sociedade (GRAHAM; MARVIN, 2001). As psicológicas sociais enfatizam a interação entre os estados mentais dos indivíduos com o contexto social como explicação do comportamento humano. Por fim, uma quarta perspectiva tem por base a noção de práticas sociais (Liu, Oosterveer & Spaargaren, 2016).

Segundo Maller (2015), a prática como entidade (e sua performance), não os indivíduos, é foco dos estudos sobre TdP associada ao consumo e à sustentabilidade. Assim, se apresenta como uma alternativa, ampla e holística, para campos interessados em estudar aspectos ambientais do consumo (Røpke, 2009), em especial, no que tange às transformações de práticas que causam impactos ambientais negativos (Sahakian & Wilhite, 2014).

Geels et al. (2015) apresenta algumas perspectivas teóricas (i.e. reformista, revolucionária e reconfiguração) para explicar as pesquisas sobre consumo e produção sustentáveis (SCP). Cada uma das posições considera diferentes problemas do SCP e diferentes visões acerca de produção e consumo.

- O rigor acadêmico e político dentro da posição “reformista” enfatiza a busca por inovações ecológicas pelas empresas e a compra de produtos ecoeficientes pelos indivíduos.
- Em contrapartida, críticas ao capitalismo, consumismo e materialismo são típicas da posição “revolucionária”, além da busca por valores como frugalidade, suficiência e localismo.
- Por fim, a posição de “reconfiguração” vai além da oposição entre as duas primeiras posições, visto que seu foco recai sobre transições em sistemas sociotécnicos (e.g. perspectiva multi-nível) e práticas cotidianas (e.g. teoria das práticas sociais - TdP).

Assim, para as posições reformista e revolucionária, consumo e produção se apresentam em domínios separados, embora ligados por meio de transações de mercado, propagandas e marketing (i.e. posição reformista) ou pelo consumismo e o materialismo (i.e. posição revolucionária). Já na terceira posição (i.e. reconfiguração), fundamentada na ideia de transições para novos sistemas, estes domínios estão alinhados por múltiplos elementos, incluindo políticas, infraestruturas, modos de produção e práticas sociais (Geels et al., 2015).

Nessa lógica, a TdP se concentra em áreas de estudo voltadas à degradação ambiental, mudança climática e sustentabilidade nas pesquisas desse campo (Warde, 2014). Segundo o autor, a primeira área enfatiza atividades da vida cotidiana (e.g. uso de água, de energia nas práticas de limpeza). A segunda tem como enfoque as práticas alimentares, uma vez que o seu estudo aborda não só aspectos fisiológicos e estéticos do paladar, como também aspectos sociais e materiais. Por fim, a terceira envolve movimentos estéticos e grupos de entusiastas de passatempos recreativos. Ademais, a abordagem tem sido discutida no contexto de rotinas de consumo (Cohen, Brown & Vergragt, 2013) incluindo aspectos materiais da vida cotidiana (e.g. instrumentos, utensílios necessários à realização da prática) (Shove, Pantzar & Watson, 2012).

Alguns dos domínios relevantes para o consumo sustentável nesta seara, ocorrem por meio de práticas específicas da vida cotidiana (Spaargaren, 2011) (Quadro 1):

Quadro 1 - Domínios e práticas relevantes para o consumo sustentável

Domínios	Práticas relevantes
Alimentação	Jantar fora; comer na estrada; comer em uma cantina; comprar comida; cozinhar para amigos.
Lazer e Turismo	Viagens na cidade; feriados nas praias; parques de lazer; recreação ao ar-livre.
Habitação	Redecorando a cozinha ou banheiro; controle do clima interno; lidando o com lixo doméstico; jardinagem; reformar a casa.
Mobilidade	Viagem de negócios; ciclismo na cidade; viagem a lazer; comprar um carro; <i>slow travel</i> .
Vestuário e cuidado pessoal	Comprando roupas; tomar banho; lavar a roupa; colecionando roupas velhas; costurar e remendar.
<i>Hobby</i> e esportes	Pescar; jogar bola; andar a cavalo; correr; andar de bicicleta; faça você mesmo (<i>do it yourself</i>).

Fonte: Adaptado de Spaargaren (2011).

Spaargaren (2011) aponta que os domínios observados no quadro como de ‘habitação’ e ‘alimentação’ são aqueles com os níveis mais relevantes, já os domínios de ‘lazer e turismo’ e ‘vestuário e cuidados pessoais’ ficam em seguida. O autor sugere que algumas práticas serão mais relevantes do que outras, dependendo da região geográfica em estudo, bem como alguns

domínios ou áreas de consumo, que se mostram mais fortes do que em outros em relação aos impactos negativos sob o ambiente, como o alimentar (ver Tukker et al., 2008).

Portanto, no que diz respeito ao último ponto, o grau de sustentabilidade do consumo e produção sustentáveis está relacionado a áreas voltadas para a qualidade da água, biodiversidade, segurança alimentar, produção de energia, etc (AKENJI; BENGTTSSON, 2014).

Nesse sentido, Tukker et al. (2010) levanta o questionamento de como modificar os padrões de consumo atuais em domínios críticos a fim de torná-los mais sustentáveis sob a abordagem da teoria das práticas. Como exemplo, Paddock leva esse questionamento para o âmbito da prática alimentar, afirmando que, por meio da compressão dela, “podemos explorar meios de bloquear e desbloquear práticas mais amplas consideradas insustentáveis” (Paddock 2016a, p. 1), um aspecto significativo para a promoção de um consumo alimentar sustentável.

Assim, é no entendimento do consumo sustentável ocorrendo por meio, por causa e dentro das práticas cotidianas (e.g. Warde, 2005) que as abordagens sociológicas de estudo do consumo têm se concentrado (Burningham et al., 2014).

São diversos os estudos realizados nesse âmbito com enfoques em diferentes domínios. Neles, o consumo se dá por meio de práticas relacionadas ao vestuário (Jørgensen & Jensen, 2012), à alimentação (Leray, Sahakian & Erkman, 2016; Plessz et al., 2016; Sahakian & Wilhite, 2014; Warde, 2005), sua preparação (Halkier, 2009), cozimento (Torkkeli, Mäkelä & Niva, 2018) ou seu desperdício (Devaney & Davies; 2016), artigos de luxo (Moraes et al., 2015), redução do consumo *standby* (Gram-Hanssen, 2009), mobilidade (Anantharaman, 2016), consumo doméstico de serviços como energia e água (Liu, Oosterveer & Spaargaren, 2016), reuso e reciclagem de lixo (Pandey, Surjan & Kapshe, 2018), consumo de recursos para serviços de lavanderia individual e compartilhada (Retamal & Schandl, 2017), consumo de serviços de sustentabilidade de uma cadeia de varejo (Fuentes & Fredriksson, 2016).

Algumas publicações têm contribuído para fomentar discussões iniciais sobre o estudo do consumo sob a lentes da TdP no Brasil. Um exemplo disso está no ensaio sobre a adoção da teoria das práticas no estudo do consumo desenvolvido por Borelli (2012). Em 2017, Costa e Resende sistematizaram os elementos constituintes das práticas em um modelo teórico de análise para o campo empírico dos estudos sobre o consumo. Os elementos foram agrupados como categorias de análise no modelo baseado nos elementos propostos por Reckwitz (2002), Schatzki (2002), Warde (2005), e adaptações de trabalhos de Gram-Hanssen (2011) e Borelli (2012) nesse mesmo enfoque.

A tentativa inicial de trazer o estudo dessa abordagem para campo de estudos sobre consumo sustentável no contexto brasileiro foi realizada por Sobreira e Paiva (2018). Os autores mapearam a produção científica internacional sobre a ToP nesse campo, com limitações quanto ao número de artigos utilizado para análise. Entretanto, o estudo bibliométrico de Corsini *et al.* (2019), desenvolvido internacionalmente, explorou uma ampla gama de publicações, suprimindo limitações desta natureza. Este estudo analisou aplicações da teoria das práticas em pesquisas no domínio da sustentabilidade presentes em estudos do consumidor, afim de identificar orientações passadas, atuais e futuras do campo. Ainda em 2018, outros estudos no Brasil. O ensaio de Calíope e Lázaro (2018) discutiu a convergência entre a ToP e a perspectiva multi-nível (e.g. Geels e Kemp, 2007) com o intuito de entender o *slow fashion* como um caminho para transições sustentáveis na moda. Já Gandia *et al.* (2018) investigaram a prática de consumo de cafés em cápsula utilizando a teoria das práticas.

Cada uma das posições considera diferentes problemas do SCP e diferentes visões acerca do consumo, da produção e da forma como eles interagem um com o outro. Assim, para as posições reformista e revolucionária, consumo e produção se apresentam em domínios separados, embora ligados por meio de transações de mercado, propagandas e marketing (i.e. posição reformista) ou pelo consumismo e o materialismo (i.e. posição revolucionária). Já na

terceira posição (i.e. reconfiguração), fundamentada na ideia de transições para novos sistemas, estes domínios estão alinhados por múltiplos elementos, incluindo políticas, infraestruturas, modos de produção e práticas sociais (Geels et al., 2015).

4. Framework sobre Domínios de Práticas de Consumo para Sustentabilidade

Dentro do já resgatado e a recente proposta de Warde, Welch e Paddock (2017) sobre como a teoria da prática foi operacionalizada na pesquisa empírica, propõe-se utilizar as três áreas de foco delineada para intervenções em práticas buscando a sustentabilidade: a interação entre sistemas sócio-técnicos e ações, entre variações culturais e ordenação temporal; e crítica direta de um paradigma de política dominante:

Na evolução sócio-técnica, o foco principal é o papel da tecnologia, materiais e artefatos na reformulação de elementos da prática e como eles se conectam com os outros (Shove e Spurling, 2013; Spurling, McMeekin, Shove, Southerton e Welch, 2013). Desta forma, novas tecnologias e infraestruturas permitiram novas ideias de conforto, limpeza e conveniência (Shove, 2003). O que cada um desses exemplos tem em comum em seus relatos empíricos da transformação da prática é sua concentração em tecnologias, artefatos e materiais.

Na segunda área, da ordenação temporal, Southerton et al. (2012) explicam a variação transcultural e a importância de compreender a ordem temporal das práticas. Os autores explicam que a temporalidade tem um papel semelhante ao da lavanderia, onde os fluxos e as seqüências de atividades na classificação, lavagem, secagem, preparação e, finalmente, armazenamento de roupas limpas são importantes. Ressaltando estes exemplos é a força do hábito e rotina (Warde e Southerton, 2012), que são estudados de forma semelhante em diversas práticas: alimentação (Warde, 2016), alimentos crescendo em jardins urbanos (Veen, Derkzen e Visser, 2014), consumo de energia em casa (Gram-Hanssen, 2011), controle de temperatura ambiente interna de ambientes de trabalho (Hitchings, 2011) e banho (Browne et al., 2013).

Na Terceira área, a crítica a paradigma dominante, foca nos casos empíricos que desafiam os fundamentos das intervenções políticas contemporâneas que visam mudar o comportamento do consumidor. Vihalemm, Keller e Kiisel (2015) argumentam que, como as práticas na vida cotidiana são interdependentes, o mesmo deve acontecer com os programas políticos que visam gerar mudanças. Problemas políticos "perversos", como mudança climática, nutrição de saúde pública, abuso de álcool e drogas, ou obesidade, exigem abordagens de intervenção que visam, por exemplo, interromper uma ou mais práticas ou substituir uma prática por outra.

Com base nessas três áreas de foco e nos estudos elencados pelos autores acima, propomos os domínios e práticas de consumo sustentável que podem ser estudadas e aprofundadas tendo por eixo teórico central a ToP.

Domínios como a mobilidade, o descarte de resíduos e a economia de recursos, englobam práticas sustentáveis de consumo que estão fortemente amparadas por tecnologia, artefatos e objetos, caracterizando a evolução sócio-técnica: *cycling*, uso de transporte público, descarte e reuso de embalagens e consumo de recursos naturais, como água e energia.

A ordenação temporal, por sua vez, aponta para domínios sobre alimentação, entretenimento e frugalidade, com práticas que exigem o reconhecimento do fator tempo, no entendimento de práticas mais sustentáveis de consumo de alimentação: compra de alimentos, prática de cozinhar, *prosuming* (*slowfood*), mudanças nas formas de viagens e lazer.

Por último, a área de maior complexidade envolve a crítica ao paradigma dominante, envolve domínios que impõem mudanças mais radicais nas práticas de consumo mais sustentáveis e que podem ser esclarecidas por domínios que envolvem mudanças políticas e estruturais, como o caminho para o minimalismo, o veganismo e as práticas relacionadas a *sharing economy*.

As três áreas de foco podem ser representadas no Framework proposto da figura 2.

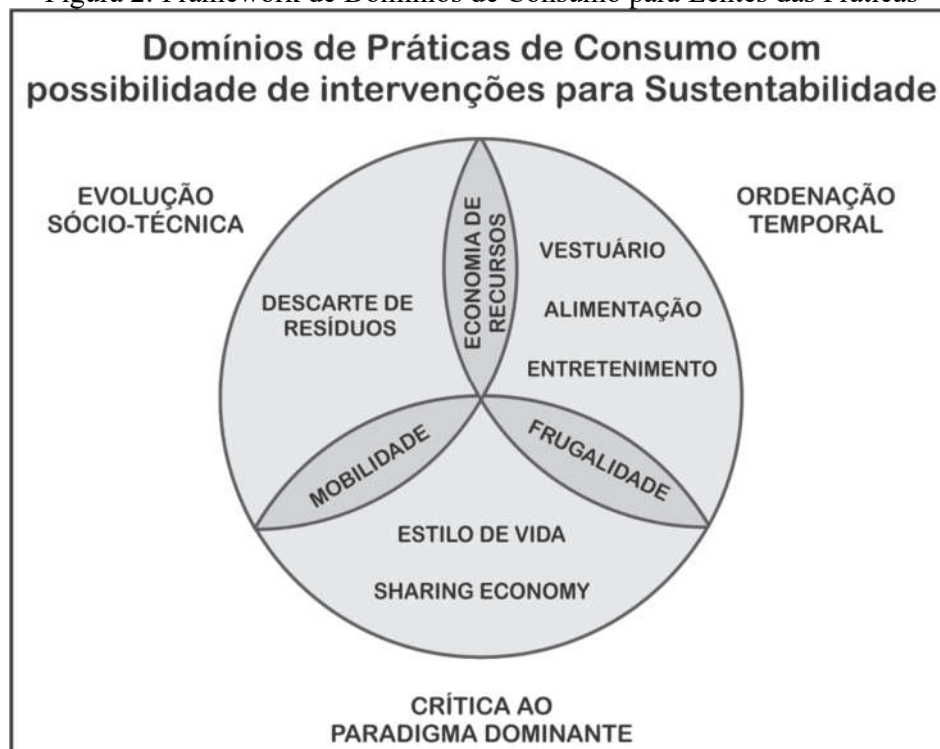
Figura 2 Áreas de Foco da ToP, domínio e práticas passíveis de consumo sustentável

ÁREAS DE FOCO da ToP	DOMÍNIOS	Feixes de Práticas com possibilidade de intervenções para Sustentabilidade
Evolução socio-técnica	Mobilidade	Cycling Transporte público
	Descarte de resíduos	Descarte de embalagem Separação de lixo Reuso de embalagens
Ordenação temporal	Economia de recursos	Consumo de água Consumo de energia elétrica
	Alimentação	Compra de alimentos Prosuming (Slowfood) Cooking
Crítica a paradigma dominante	Entretenimento	Viagens Experiências
	Frugalidade	Compra de objetos usados Conserto de objetos
Crítica a paradigma dominante	Estilo de vida	Minimalismo Qualidade de vida Veganismo
	Sharing economy	Compartilhamento de objetos Compartilhamento de estruturas

Os Autores (2019)

O enquadramento desses domínios também abre caminho para argumentarmos que determinadas práticas podem conter características de mais de uma área de foco. Com base no Quadro 2 propõe-se a Figura 2, que representa melhor graficamente o Framework expondo as possibilidades de uso das lentes da Prática:

Figura 2: Framework de Domínios de Consumo para Lentes das Práticas



Os Autores (2019)

Desta forma, a figura 2 Áreas de Foco da ToP e as práticas de consumo sustentável, apresenta as interseções entre as áreas, com indicações de práticas que podem ser estudadas pelas duas vertentes, como é o caso das práticas de mobilidade, que tanto podem ser estudadas numa lógica sócio-técnica, quanto numa lógica crítica; as práticas de economia de recursos, que têm forte relação com a sócio-técnica, mas estão também relacionadas com a ordenação temporal dos hábitos e rotinas e a frugalidade, que é característica da ordenação temporal, mas pode refletir numa mudança ao paradigma vigente.

5. Considerações Finais

Com a exposição do Framework final espera-se ter cumprido o objetivo do ensaio, de apresentar a discussão sobre Consumo Sustentável no Brasil uma abordagem emergente nos estudos de consumo, as lentes das Práticas. Por outro lado, amplia os Estudos Baseado nas Práticas no Brasil, visto que estes haviam sido dominados por grupos de estudos na área de Estudos Organizacionais, preocupados com uma epistemologia única, resistentes a diversidade das abordagens com as lentes das práticas e a possibilidade de “operacionalização” das mesmas.

REFERÊNCIAS

- Akenji, L. (2014). Consumer scapegoatism and limits to green consumerism. *Journal of Cleaner Production*, 63, 13-23.
- Akenji, L., & Bengtsson, M. (2014). Making sustainable consumption and production the core of sustainable development goals. *Sustainability*, 6(2), 513-529.
- Anantharaman, M. (2016). Elite and ethical: The defensive distinctions of middle-class bicycling in Bangalore, India. *Journal of Consumer Culture*, 17(3), 864-886.
- Banbury, C., Stinerock, R., & Subrahmanyam, S. (2012). Sustainable consumption: Introspecting across multiple lived cultures. *Journal of Business Research*, 65(4), 497-503.
- Bispo, M. D. S. (2015). Methodological reflections on practice-based research in organization studies. *BAR-Brazilian Administration Review*, 12(3), 309-323.
- Bispo, M. D. S., Soares, L. C., & Cavalcante, E. D. C. (2014). Panorama dos estudos sobre “prática” no Brasil: uma análise da produção. *ENCONTRO ANUAL DA ANPAD*, 38.
- Borelli, F. A. (2012, maio). *Practice Theory e o Estudo do Consumo: Reforçando o Chamado de Alan Warde. Encontro de Marketing da ANPAD - EMA 2012*, Curitiba, PR, Brasil, V.
- Bourdieu, P. (1984), *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brand, K. W. (2010). Social practices and sustainable consumption: Benefits and limitations of a new theoretical approach. In *Environmental Sociology* (pp. 217-235). Springer, Dordrecht.
- Brown, H. S., & Vergragt, P. J. (2016). From consumerism to wellbeing: toward a cultural transition?. *Journal of Cleaner Production*, 132, 308-317.
- Browne, A. L., Pullinger, M., Medd, W., & Anderson, B. (2013). Patterns of practice: a reflection on the development of quantitative/mixed methodologies capturing everyday life related to water consumption in the UK. *International Journal of Social Research Methodology*, 17(1), 27-43.
- Burningham, K., Venn, S., Christie, I., Jackson, T., & Gatersleben, B. (2014). New motherhood: a moment of change in everyday shopping practices?. *Young Consumers*.

- Calíope, T. S., & Lázaro, J. C. (2018, outubro). Converging theories of practices and the multi level perspective to understand the slow fashion as a path in the transitions to sustainability *Encontro da ANPAD – EnANPAD 2018*, São Paulo, SP, Brasil, XLII.
- Campbell, C. (1994), 'Consuming goods and the good of consuming,' *Critical Review: A Journal of Politics and Society*, Vol. 8, no. 4, pp. 503–520.
- Cohen, M. J., Brown, H. S., & Vergragt, P. (Eds.). (2013). *Innovations in sustainable consumption: New economics, socio-technical transitions and social practices*. Edward Elgar Publishing.
- Corsini, F., Laurenti, R., Meinherz, F., Appio, F., & Mora, L. (2019). The Advent of Practice Theories in Research on Sustainable Consumption: Past, Current and Future Directions of the Field. *Sustainability*, 11(2), 341.
- Costa, A. P., & Resende, D. C. (2017, outubro). Teoria da Prática em Estudos do Consumo: Uma Proposta de Utilização dos Elementos das Práticas Como Categorias de Análise. *Encontro da ANPAD - EnANPAD 2017*, São Paulo, SP, Brasil, XLI.
- Deaton, A. (1992). *Understanding consumption*. Oxford: Clarendon Press.
- Devaney, L., & Davies, A. R. (2017). Disrupting household food consumption through experimental HomeLabs: Outcomes, connections, contexts. *Journal of Consumer Culture*, 17(3), 823-844.
- Falk, P., & Campbell, C. (Eds.). (1997). *The shopping experience*. London: Sage.
- Fuentes, C., & Fredriksson, C. (2016). Sustainability service in-store: Service work and the promotion of sustainable consumption. *International Journal of Retail & Distribution Management*, 44(5), 492-507.
- Gandia, R. M., Ferreira, C. A., Guimarães, E. R., Sugano, J. Y., & Rezende, D.C. (2018). The coffee capsules consumption practice. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 12(2), 31-42. <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v12i2.1195>.
- Geels, F. W., McMeekin, A., Mylan, J., & Southerton, D. (2015). A critical appraisal of Sustainable Consumption and Production research: The reformist, revolutionary and reconfiguration positions. *Global Environmental Change*, 34, 1-12.
- Geels, F., & Kemp, R. (2007). Dynamics in socio-technical systems: typology of change processes and contrasting case studies. *Technology in Society*, 29(4), 441-455. doi:10.1016/j.techsoc.2007.08.009
- Giulio, A., Fischer, D., Schäfer, M., & Blätzel-Mink, B. (2014). Conceptualizing sustainable consumption: toward an integrative framework. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, 10(1), 45-61.
- Govindan, K. (2018). Sustainable consumption and production in the food supply chain: A conceptual framework. *International Journal of Production Economics*, 195, 419-431. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijpe.2017.03.003>.
- Graham, S., & Marvin, S. (2001). *Splintering urbanism: networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition*. London: Routledge.
- Gram-Hanssen, K. (2009). Standby consumption in households analyzed with a practice theory approach. *Journal of Industrial Ecology*, 14(1), 150-165. doi:<http://dx.doi.org/10.1111/j.1530-9290.2009.00194.x>.
- Gram-Hanssen, K. (2011). Understanding change and continuity in residential energy consumption. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 61-78. doi:<http://dx.doi.org/10.1177/1469540510391725>.
- Gronow, J., & Warde, A. (2001), *Ordinary consumption*. London: Routledge.
- Halkier, B., & Jensen, I. (2011). Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study on handling nutritional contestations of

- food consumption. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 101-123.
doi:<http://dx.doi.org/10.1177/1469540510391365>.
- Halkier, B., Katz-Gerro, T., & Martens, L. (2011). Applying practice theory to the study of consumption: Theoretical and methodological considerations. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 3-13. doi:<https://doi.org/10.1177/1469540510391765>
- Halkier, B. (2009). Suitable cooking? Performances and positionings in cooking practices among Danish women. *Food, Culture & Society*, 12(3), 357-377.
- Hargreaves, T. (2011). Practice-ing behaviour change: Applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. *Journal of consumer culture*, 11(1), 79-99. doi: <https://doi.org/10.1177/1469540510390500>
- Ipiranga, A. S. I., & Lopes, L. L. S. (2016, outubro). A epistemologia do campo aberto e o organizar das práticas de espaço. *Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil, IV.
- Ipiranga, A. S. R., & Aguiar, M. M. S. (2014). Life, work and sustainable learning practices: a study on a small business network. *Brazilian Administration Review*, 11(2), 145-163. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-76922014000200003>.
- Ipiranga, A. S. R., Lopes, L. L. S., & Souza, E. M. D. (2016). A experiência estética nas práticas culinárias de uma organização gastronômica. *Organizações & Sociedade*, 23(77), 191-210. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230771>.
- Jaeger-Erben, M., & Offenberger, U. (2014). A practice theory approach to sustainable consumption. *GAIA-Ecological Perspectives for Science and Society*, 23(3), 166-174.
- Jaeger-Erben, M., Rückert-John, J., & Schäfer, M. (2015). Sustainable consumption through social innovation: a typology of innovations for sustainable consumption practices. *Journal of Cleaner Production*, 108, 784-798.
- Jonas, M., Wroblewski, A., & Littig, B. (Eds.). (2017). *Methodological reflections on practice oriented theories*. New York NY: Springer Berlin Heidelberg.
- Jørgensen, M. S., & Jensen, C. L. (2012). The shaping of environmental impacts from Danish production and consumption of clothing. *Ecological Economics*, 83, 164-173. doi:<https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2012.04.002>
- Keller, M., Halkier, B., & Wilska, T. A. (2016). Policy and governance for sustainable consumption at the crossroads of theories and concepts. *Environmental Policy and Governance*, 26(2), 75-88.
- Kuijjer, S. C. (2014). Implications of social practice theory for sustainable design. 218 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Universidade de Tecnologia de Delft, Países Baixos.
- Leray, L., Sahakian, M., & Erkman, S. (2016). Understanding household food metabolism: relating micro-level material flow analysis to consumption practices. *Journal of Cleaner Production*, 125, 44-55. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.03.055>
- Liu, W., Oosterveer, P., & Spaargaren, G. (2016). Promoting sustainable consumption in China: a conceptual framework and research review. *Journal of Cleaner Production*, 134, 13-21.
- Lopes, L. L. S., Silva Júnior, J. J., & Ipiranga, A. S. R. (2014, setembro). Sentir e Fazer: entremeios estéticos nas práticas culinárias de restaurantes de um mercado popular. *Encontro da ANPAD – EnAnpad 2014*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, XXXVIII.
- Maller, C. J. (2015). Understanding health through social practices: performance and materiality in everyday life. *Sociology of Health & Illness*, 37(1), 52-66.
- Maller, C., & Strengers, Y. (2013). The global migration of everyday life: Investigating the practice memories of Australian migrants. *Geoforum*, 44, 243-252.
- Mont, O., & Plepys, A. (2008). Sustainable consumption progress: should we be proud or alarmed?. *Journal of Cleaner Production*, 16(4), 531-537.

- Moraes, C., Carrigan, M., Bosangit, C., Ferreira, C., & McGrath, M. (2017). Understanding ethical luxury consumption through practice theories: A study of fine jewellery purchases. *Journal of Business Ethics*, 145(3), 525-543.
- Nicolini, D. (2016). Is small the only beautiful? Making sense of 'large phenomena' from a practice-based perspective. In Hui, A.; Schatzki, T.; Shove, E. *The nexus of practices: Connections, Constellations and Practitioners* (pp. 98-113). London: Routledge.
- Nicolini, D. (2009). Zooming in and out: Studying practices by switching theoretical lenses and trailing connections. *Organization Studies*, 30(12), 1391-1418.
- Nicolini, D. (2012). *Practice theory, work, and organization: An introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Nye, M., & Hargreaves, T. (2010). Exploring the social dynamics of proenvironmental behavior change: A comparative study of intervention processes at home and work. *Journal of Industrial Ecology*, 14(1), 137-149.
- Paddock, J. (2016). Household consumption and environmental change: Rethinking the policy problem through narratives of food practice. *Journal of Consumer Culture*, 17(1), 122-139.
- Pandey, R. U., Surjan, A., & Kapshe, M. (2018). Exploring linkages between sustainable consumption and prevailing green practices in reuse and recycling of household waste: Case of Bhopal city in India. *Journal of Cleaner Production*, 173, 49-59.
- Pantzar, M. and Shove, E. (2010), 'Understanding innovation in practice: a discussion of the production and re-production of nordic walking,' *Technology Analysis & Strategic Man.*
- Piscicelli, L., Cooper, T., & Fisher, T. (2015). The role of values in collaborative consumption: insights from a product-service system for lending and borrowing in the UK. *Journal of Cleaner Production*, 97, 21-29.
- Plessz, M., Dubuisson-Quellier, S., Gojard, S., & Barrey, S. (2016). How consumption prescriptions affect food practices: Assessing the roles of household resources and life-course events. *Journal of Consumer Culture*, 16(1), 101-123.
- Reckwitz, A. (2002). Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243-263.
- Reckwitz, A. (2002a), 'The status of the "material" in theories of culture: from "social structure" agement, Vol. 22, no. 4, pp. 447-461. to "artifacts",' *Journal of the Theory of Social Behaviour*, Vol. 32, no. 2, pp. 195-211.
- Reckwitz, A. (2002b), 'Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing,' *European Journal of Social Theory*, Vol. 5, no. 2, pp. 243-263.
- Retamal, M., & Schandl, H. (2018). Dirty laundry in Manila: Comparing resource consumption practices for individual and shared laundering. *Journal of Industrial Ecology*, 22(6), 1389-1401.
- Røpke, I. (2009). Theories of practice: new inspiration for ecological economic studies on consumption. *Ecological Economics*, 68(10), 2490-2497.
- Sahakian, M., & Wilhite, H. (2014). Making practice theory practicable: Towards more sustainable forms of consumption. *Journal of Consumer Culture*, 14(1), 25-44.
- Santos, L. L. Da S., & Silveira, R. A. Da. (2015). Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 79-98. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230724>.
- Schaefer, A., & Crane, A. (2005). Addressing sustainability and consumption. *Journal of macromarketing*, 25(1), 76-92.
- Schatzki, T. R. (2005). Peripheral vision: The sites of organizations. *Organization studies*, 26(3), 465-484.

- Schatzki, T. R. (2005a). Introduction: Practice Theory. In: T. Schatzki, K. Cetina & E. Von Savigny. (Orgs.). *The practice turn in contemporary theory*. London: Routledge.
- Schatzki, T. R. (2002). *The site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press.
- Schatzki, T. R., Cetina & Savigny, E. (2001). *The practice turn in contemporary theory*. London: Routledge.
- Sedlacko, M. (2017). Conducting Ethnography with a Sensibility for Practice. In M. Jonas, A. Wroblewski, & B. Littig (Eds.), *Methodological reflections on practice oriented theories* (pp. 44–62). New York NY: Springer Berlin Heidelberg.
- Shove, E. (2010). Beyond the ABC: climate change policy and theories of social change. *Environment and Planning A*, 42(6), 1273-1285.
- Shove, E. A. (2003). *Comfort, Cleanliness and Convenience: the Social Organization of Normality*. Oxford: Berg.
- Shove, E., & Pantzar, M. (2005). Consumers, Producers and Practices: Understanding the invention and reinvention of Nordic walking. *Journal of consumer culture*, 5(1), 43-64.
- Shove, E., Pantzar, M., & Watson, M. (2012). *The dynamics of social practice: Everyday life and how it changes*. London: Sage.
- Sobreira, E. M. C., & Paiva, N. M. F. (2018, novembro). *Practice theory em estudos sobre consumo sustentável: um estudo bibliométrico. Seminários em Administração - XXI SemeAd*, São Paulo, SP, Brasil, XXI.
- Southerton, D., Chappells, H., & Van Vliet, B. (Eds.). (2004). *Sustainable consumption: The implications of changing infrastructures of provision*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Spaargaren, G. (2003). Sustainable Consumption: A Theoretical and Environmental Policy Perspective. *Society & Natural Resources*, 16(8), 687-701.
- Spaargaren, G. (2011). Theories of practices: Agency, technology, and culture: Exploring the relevance of practice theories for the governance of sustainable consumption practices in the new world-order. *Global Environmental Change*, 21(3), 813-822.
- UNPD Brasil (2016) *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. Recuperado em 20 julho, 2019 de: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals.html> . Acesso em 6.8.2019
- UNEP. *Sustainable Consumption and Production and the SDGs*, 2015. Recuperado em 20 julho, 2019 de: <https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/9705>
- Wang, C., Ghadimi, P., Lim, M. K., & Tseng, M. L. (2018). A literature review of sustainable consumption and production: A comparative analysis in developed and developing economies. *Journal of cleaner production*. 206 (1), 741-754.
- Warde, A. (2014). After taste: Culture, consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture*, 14(3), 279-303.
- Warde, A. (2005). Consumption and theories of practice. *Journal of consumer culture*, 5(2), 131-153.
- Warde, A. (2016). *The practice of eating*. John Wiley & Sons.
- Welch, D., & Warde, A. (2015). Theories of practice and sustainable consumption. *Handbook of research on sustainable consumption*, 84-100.